



MEETIR2016 E O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO EM PORTUGAL¹

MEETIR2016 and the Interreligious Dialogue in Portugal

JOÃO PEDRO CALEIRA

Bolseiro de Iniciação Científica do CEDIS

RESUMO

Nos dias 19 a 22 de Agosto de 2016 teve lugar, no Fundão, o MEETIR2016, a primeira conferência para o diálogo inter-religioso para jovens organizado pelo Alto Comissariado para as Migrações em Portugal. Esta conferência teve como objetivo juntar jovens de várias comunidades religiosas presentes em Portugal para que pudessem dialogar, partilhar ideias e unirem-se para arranjar soluções para certos problemas da nossa sociedade. O objetivo deste Working Paper, para além de dar a conhecer o conceito de diálogo inter-religioso, é servir de registo histórico deste evento marcante para o progresso da liberdade religiosa em Portugal, explicando o seu conteúdo e comentar um dos frutos da atividade que é a “Carta Comum”.

¹ Este trabalho foi desenvolvido com o apoio da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, no âmbito do Projeto UID/DIR/00714/2013.

PALAVRAS-CHAVE

MEETIR2016; Diálogo inter-religioso; Carta Comum; Liberdade Religiosa; Alto Comissariado para as Migrações.

ABSTRACT

On the 19th until the 22nd of August, 2016, it took place, in Fundão, MEETIR2016, the first conference for the inter-religious dialogue for young people organized by the "Alto Comissariado para as Migrações" in Portugal. The goal of this conference was to put together young people from different religious communities and create an environment for sharing ideas, dialogue and unite them in order to get solutions for several problems of our society. The purpose of this Working Paper, besides exploring the concept of inter-religious dialogue, is to become an historical record of this important event for the progression of religious freedom in Portugal, explaining its program and comment on the fruit of the activity, which is the "Carta Comum".

KEYWORDS

MEETIR2016; Inter-religious dialogue; Carta Comum; Religious Freedom; Alto Comissariado para as Migrações.

I – Diálogo Inter-religioso

Na sociedade em que vivemos, nesta aldeia global, cada vez é mais importante estarmos nutridos de um espírito de compreensão, tolerância e aceitação pelo diferente. O ser humano, na vertente de homo religiosus, tem a necessidade de crer em algo. Perante as diferentes crenças, inclusive a fé de não acreditar em nada, é necessário alargar os nossos conhecimentos sobre aqueles que nos rodeiam.

A existência deste diálogo é o que permite, por exemplo, uma correta integração de imigrantes, que trazem das suas culturas uma base moral e religiosa diferente da do país que os recebe e, para conseguir que estas famílias se estabeleçam e sejam produtivas, e não um fardo, é necessário proporcionar condições de bem-estar, inclusive a possibilidade

de continuarem a adorar o quê e como quiserem, desde que respeitem os direitos fundamentais daqueles que lhes rodeira.

Também vivemos numa era em que os direitos, liberdades e garantias do ser humano são muito importantes. Em grande parte dos países do mundo, com poucas exceções, as constituições e leis estabelecem liberdade religiosa para os seus cidadãos. Este tipo de liberdade requer que este diálogo exista pois, caso contrário, a lei não passa do papel, sendo mais aparente do que real.

Este diálogo também é fundamental para impedir que preconceitos e estereótipos sejam criados relativamente a várias comunidades ou grupos de cidadãos. Um bom exemplo é o ataque que tem sido feito ao islamismo por desconhecimento desta religião e por confusão com vários grupos terroristas. A falta do diálogo inter-religioso leva a estas más-compreensões dos outros, tendo resultados bastante nefastos para a sociedade.

De forma mais ou menos acentuada, as diferentes religiões são parte integrante das diferentes comunidades e marcam de forma significativa a moral do povo, as suas visões e até políticas públicas. Muitas vezes é difícil separar o aspeto religioso do aspeto cultural, como é um exemplo claro o hinduísmo na Índia. Dessa forma o diálogo inter-religioso anda de mãos dadas com o fenómeno da interculturalidade. Também aqui as diferenças, identidades e peculiaridades devem ser valorizadas, aprendidas e aceites de modo a proporcionar paz e harmonia na sociedade em que vivemos.

Os autores Joana Viana Lopes e Filipe Avillez da Faculdade de teologia da UCP de Lisboa, em colaboração com o Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, criaram um panfleto intitulado “Diálogo Inter-religioso no tempo e 33 ideias para pensar e agir”², no qual descrevem o diálogo inter-religioso da seguinte forma:

“O diálogo é uma forma de estar, de ser e de viver o que cada um é e acredita. Deste modo, nunca estará concluído nem acabado. Não é uma tarefa que possam cumprir, mas uma atitude que devemos cultivar para o bem da sociedade em que vivemos”. Esta citação descreve bem que esta espécie de diálogo é um ato contínuo no tempo, nunca irá estar terminado, mas é algo a ser construído de geração em geração. No entanto, há certos

² Joana Viana Lopes e Filipe Avillez, “Diálogo Inter-religioso no tempo e 33 ideias para pensar e agir”. Colaboração de Camila Cardoso ferreira e Isabel Ferreira Martins, com coordenação de Filomena Cassis e Bárbara Duque (DAADI, Entreculturas – ACIDI, IP.). Edição ACIDI – Alto comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, IP., 2011, Lisboa.

eventos significativos no tempo que contribuíram para o seu desenvolvimento. Tomamos a liberdade de fazer uma lista, tal como enunciada no panfleto citado, sobre algumas datas importantes:

1893 – Parlamento das Religiões do Mundo – Nascimento formal do diálogo inter-religioso;

1936 – World Congress of Faiths – Primeiros passos na fundação de organizações que visam desenvolver e promover o diálogo inter-religioso;

1940 – Comunidade de Taizé – Criação de um espaço ecuménico de partilha;

1942 – Conselho Internacional de Cristãos e Judeus – Formalização do diálogo judaico-cristão;

1945 – Organização das Nações Unidas (ONU), Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO) – Institucionalização de uma consciência global da igual dignidade humana;

1948 – World Council of Churches – Conselho Ecuménico das Igrejas (WCC) – Organização internacional ecuménica que promove o diálogo inter-religioso;

1948 – Declaração Universal dos Direitos Humanos (Organização das Nações Unidas) – Reconhecimento público da pluralidade e consagração dos direitos universais do ser humano;

1960 – Secretariado para a Promoção da Unidade dos Cristãos a partir de 1989 – Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos – Institucionalização católica de promoção do ecumenismo;

1962-1965 – Concílio Ecuménico Vaticano II – Diálogo em concílio pelas mãos da Igreja Católica;

1964 – Secretariado para os Não-Cristãos a partir de 1988 Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso – Institucionalização católica de promoção do diálogo inter-religioso;

1970 – International Jewish Committee on Interreligious Consultations – Comissão Judaica Internacional para as Consultas Inter-religiosas (IJCIC) – Institucionalização judaica de promoção do diálogo inter-religioso;

1970 – Religiões pela Paz – Coligação de religiões para a promoção da paz mundial;

1971 – Centro de Estudos das Religiões do Mundo em Bangalore – Um centro académico de estudo do diálogo inter-religioso;

- 1977 – Monastic Interreligious Dialogue – Diálogo Inter-religioso Monástico (MID) – Organização que visa a partilha de experiência entre as diversas religiões;
- 1978 – Oriental Orthodox-Roman Catholic Consultation – Institucionalização norte-americana de uma relação de proximidade entre cristãos católicos e ortodoxos;
- 1986, 1993, 2002, 2011 – Dia Mundial da Oração pela paz em Assis – União pela paz;
- 1987 – Inter Faith Network for the UK – Organizações locais, uma iniciativa no Reino Unido;
- 1988 – Council for a Parliament of the World’s Religions – Conselho para um Parlamento das Religiões do Mundo – Conselho para a promoção do diálogo inter-religioso e construção da paz mundial;
- 1991 – Projeto Pluralismo da Universidade de Harvard (EUA) – O pluralismo religioso em projeto académico;
- 1991 – The Interreligious Coordinating Council – Organização israelita de promoção da paz entre cristãos, judeus e muçulmanos;
- 1992 – The center for Christian-Jewish Understanding – O Centro de Entendimento Judaico-Cristão (CCJU) – Plataforma de diálogo judaico-cristão;
- 1993 – Centenário do Parlamento Mundial das Religiões em Chicago – Comemoração do caminho realizado pelo diálogo inter-religioso e partilha formal de valores comuns;
- 1996 – United Communities of Spirit – Rede online de diálogo inter-religioso;
- 1997 – Elijah Interfaith Institute – Exemplo do diálogo inter-religioso na sociedade civil;
- 2000 – United Religiones Initiative – Iniciativa ade Religiões Unidas – Rede internacional de promoção do diálogo inter-religioso a nível local;
- 2007 – A Common Word between Us and You – Uma palavra Comum entre Nós e Vós – Iniciativa muçulmana de promoção do diálogo inter-religioso;
- 2008 – Conferência Mundial sobre o Diálogo, Espanha – Uma iniciativa islâmica de reflexão acerca da necessidade do diálogo inter-religioso;
- 2008 – Centro para o Compromisso Judaico-Muçulmano – Iniciativa conjunta de promoção da relação Judaico-Muçulmana;

2009 – Carta pela Compaixão – Exemplo de mobilização em torno de um valor comum;

2011 – Manual de Assistência Espiritual e Religiosa Hospitalar – Uma iniciativa portuguesa;

2016 – MEETIR2016 – Encontro de Jovens para o Diálogo Inter-Religioso.

Através desta análise entendemos que o Diálogo inter-religioso não é recente, mas que, mais do que nunca, tem uma importância enorme na atualidade, especialmente para fomentar compreensão inter-credos e evitar discriminações contra diferentes comunidades religiosas.

O Dr. Jorge Cardoso, coordenador da atividade, ensinou a diferença entre interculturalidade ou multiculturalismo, tendo sido essa a base do que escrevemos em seguida.

“A interculturalidade é uma opção política no sentido de construção de sociedades realmente coesas. Não é só um conjunto de pessoas a dar as mãos, não, é uma sociedade coesa, feliz, igualitária, sem conflitos, onde a paz prospere. O multiculturalismo não consegue resolver isto. Só fingir respeitar o outro, mas sentir que não fazemos parte da mesma sociedade, não funciona a médio/longo prazo.

A diversidade é importante e tem de haver uma base de diálogo. Todos somos seres humanos, mas não somos iguais. Há uma característica que nos une a todos, a ideia da humanidade comum e temos de valorizar a diversidade com essa base. Caso contrário, quando não estamos em acordo, o que acontece é o conflito, interações negativas.

Temos de identificar, portanto, algo que nos une. A ideia de não estarmos sós na vida, de encontrar respostas às grandes questões e aos problemas comuns da humanidade, o desejo de atingir a harmonia, a plenitude e a paz. Temos de nos ver como “Homem”, como ser racional. Nós somos habitados por um paradoxo: por um lado somos finitos, sabemos que somos frágeis e que vamos morrer, mas por outro lado temos uma ligação ao infinito que sentimos que somos mais do que isto. Parece que não podemos nada e às vezes que conseguimos tudo.

A ideia forte é valorizar a diversidade, não procurar a uniformização. Para tal temos de alcançar o diálogo, que é algo bem diferente que somente passar a outros a nossa opinião. Há espaço para isso, mas não podemos confundir e dizer que isso é diálogo,

porque não é. O diálogo exige uma troca de ideias de ambas as partes e de compreensão mútua”.

Neste sentido o Estado português criou um organismo público com o objetivo de, entre outros, promover este diálogo intercultural e religioso, que é o Alto Comissariado para as Migrações.

II – Alto Comissariado para as Migrações

Portugal é um país que, apesar dos seus problemas socioeconómicos, ainda recebe muitos imigrantes. Como tal o Estado tem organismos públicos para regular a qualidade da integração dos migrantes que decidem escolher o nosso país para fazer vida. O Alto Comissariado para as Migrações tem os seguintes objetivos:

Promover Portugal enquanto destino de migrações;

Acolher, integrar os migrantes, nomeadamente através do desenvolvimento de políticas transversais, de centros e gabinetes de apoio aos migrantes, proporcionando uma resposta integrada dos serviços públicos;

Colaborar, em articulação com outras entidades públicas competentes, na conceção e desenvolvimento das prioridades da política migratória;

Combater todas as formas de discriminação em função da cor, nacionalidade, origem étnica ou religião;

Desenvolver programas de inclusão social dos descendentes de imigrantes;

Promover, acompanhar e apoiar o regresso de emigrantes portugueses e o reforço dos seus laços a Portugal.³

Notamos que a missão deste instituto público é mais ampla que apenas tratar dos pontos logísticos e burocráticos de quem decide imigrar para terras lusas. Mais do que isso, é necessário ajudar estes homens, mulheres e famílias a integrarem-se e conseguirem uma boa qualidade de vida. Para tal é necessário fazer esforços em vários sentidos sendo que um deles, muito relevante, é garantir que a sua cultura e religião é respeitada, podendo

³ Tal como encontrado no website: <http://www.acm.gov.pt/-/o-que-fazemos->, acedido a 29 de Julho de 2016.

usufruir do seu direito fundamental da livre autodeterminação das suas vidas. Nesse ponto é fundamental permitir a possibilidade destes indivíduos de viver a sua religião, tratando-se de um elemento essencial da liberdade do homem. Convém-nos olhar para a evolução da estrutura portuguesa de apoio às migrações:

Em 1996, graças ao forte surto de imigração que se fazia sentir em Portugal, foi necessário um instrumento para dar resposta aos vários desafios que tal gerou. Foi nesse contexto que se instituiu o Alto-Comissário para a Imigração e Minorias Étnicas, o qual possuía um estatuto semelhante ao subsecretário de Estado, estando sob dependência direta do Primeiro Ministro. O Decreto-Lei n.º 3-A/96 de 26 de janeiro previu a criação deste órgão com os objetivos de ajudar na implementação e na coordenação das várias políticas públicas de integração e bom acolhimento dos imigrantes. Dada a grandiosidade da tarefa foi necessário expandir e criar o Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas em 2002, com um estatuto semelhante ao seu anterior, apenas diferenciando-se na estrutura mais complexa deste instrumento.

2007 foi o ano da grande reestruturação e criação do Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, I.P.. Este foi fruto da fusão do Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas, da estrutura de apoio técnico à coordenação do Programa Escolhas, da Estrutura de Missão para o Diálogo com as Religiões e do Secretariado Entreculturas. Este Instituto Público não só manteve as suas funções primárias como acolheu muitos dos objetivos destes outros instrumentos, tornando-se numa estrutura bastante mais complexa e com acrescidos desafios a enfrentar. Finalmente, em 2011, com o Plano de Redução e Melhoria da Administração Central (PREMAC), o DecretoLei n.º 126-A/2011, de 29 de dezembro, o ACIDI foi novamente reestruturado para se ajustar melhor aos problemas que tem a resolver.

Visto que o perfil migratório dos imigrantes tem vindo a modificar-se, o ACIDI tem vindo a evoluir de modo a estar melhor capaz a responder às diversas situações. Como já foi previamente mencionado, a importância da religião na vida individual e comunitária acarreta um grande peso na hora de escolher um país. Por essa razão é compreensível que seja uma parte importante deste instituto público garantir que Portugal tem um clima de paz, tolerância e entreaajuda no seio das diferentes comunidades religiosas.

Um dos pilares importantes deste instituto público é de promover a interculturalidade. O alto comissariado nasceu com um deputado reputado na defesa dos imigrantes que foi

convidado para integração e minorias étnicas. Desde o primeiro momento em que se criou o alto comissariado sempre foi política nacional, e pode ter algo português, de se compreender que a diversidade cultural não são questões de minorias mas de toda a sociedade. Na política pública a diversidade cultural é uma mais valia para a sociedade, mas tem de se organizar a política pública para que os diferentes e iguais se encontrem, para sabermos que somos uma só sociedade.

O MEETIR2016 foi organizado pelo gabinete da educação, formação e mediação intercultural, cujo objetivo é o de desenvolver a interculturalidade da sociedade portuguesa e também de promover a área do diálogo inter-religioso.

III – MEETIR2016

Esta iniciativa nasce em 2014 quando o secretário de Estado e alto comissariado convida os principais líderes das diferentes religiões e filosofias a juntarem-se num “grupo de trabalho para o diálogo inter-religioso”. Objetivo é mostrar à sociedade que há diversidade religiosa. O censo mais recente revela que 91% da população é cristã e destes 88% são católicos. É preciso criar condições para que os restantes 9% da sociedade não se sintam excluídos devido à sua fé.

Hoje é importante mostrar isto ao mundo. Neste objetivo surgiu uma preocupação dos vários representantes. Normalmente o diálogo inter-religioso que é bom e real está somente no plano dos líderes. A preocupação é que o diálogo, ambiente e partilha esteja nas bases e comunidades religiosas. Surge a ideia de trabalhar com vários elementos, nomeadamente os jovens.

É neste contexto que se gerou uma ideia a ser posta em prática chamada “MEETIR2016”, um encontro para o diálogo inter-religioso para jovens de diversas organizações.

Este encontro contou com 3 objetivos os quais foram divididos pelos diferentes dias da atividade:

Reconhecer e valorizar diferença e pluralismo;

Reconhecer o que temos em comum;

Identificar o contributo de todos e todas para a construção de uma sociedade melhor.

Esta iniciativa de 4 dias contou com a presença de 17 jovens de 7 comunidades religiosas diferentes:

Aliança Evangélica Portuguesa;
Comunidade Bahá'í de Portugal;
Comunidade Hindu de Portugal;
Comunidade Ismaili de Lisboa;
Igreja Católica Apostólica Romana;
Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em Portugal – Mórmons;
União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia.

O primeiro dia, cujo objetivo era “reconhecer e valorizar diferença e pluralismo” teve o propósito de fazer com que o grupo se conhecesse, criasse bons laços e que as expectativas da atividade fossem traçadas. Para isso houve uma primeira reunião que contou com a presença de várias figuras importantes do Fundão e inclusive com o Alto Comissário Pedro Calado. Este foi um dia para o grupo se conhecer melhor, ver as diferenças que existem entre as diferentes comunidades e valorizar esses pontos que os tornam únicos.

O segundo dia, cujo tema foi “reconhecer o que temos em comum”, já foi mais complexo e instrutivo, contando com uma palestra da Dr^a Cristina Milagre, sendo essa a base para o que será agora reproduzido pelo autor do artigo.

“Temos mais em comum como sociedade. O que nos move é muito semelhante. Os pontos que não temos em comum são muito específicos. É importante conhecer as diferenças porque é isso que nos permite compreender uns aos outros. No entanto, o que é interessante é que aquilo que é igual, os nossos pilares, acaba por ser o mais diferente, visto que todos nós vimos de famílias diferentes, temos amigos diferentes, religiões diferentes, etc.

Por vezes preferimos ver o que é comum, é mais confortável. No entanto, não podemos ignorar que somos diferentes porque isso é matar qualquer grupo, tanto de trabalho, como num diálogo inter-religioso. Vamos continuar a explorar e pôr em evidência que é igualmente importante o que é comum, tal como o que é diferente. Temos de conhecer os dois. A ideia não é caminhar da diferença para o que é igual. Uniformização das espécies e pessoas é contra a vida, os grupos não funcionam porque são uniformes, o

que queremos é exatamente trabalhar a partir daquilo que nos diferencia. O que nos distingue é o que dá mais valia aos pontos comuns. Se fossemos todos iguais não íamos aprender nada uns com os outros. É bom termos pontos em comum, mas também coisas que são próprias e são o que nos suscita maior curiosidade, porque é o que nos vai enriquecer.

Individualmente as nossas religiões trabalham muito, somos seres únicos à face da terra e à face de Deus. Algo interessante dito por Chimamanda Adichie, na sua palestra “O perigo da história única”, é que quando menos conhecemos um grupo mais se afigura como um grupo. Conheço muito pouco sobre os esquimós, eles só moram nos iglos. Conheço pouco dos neo-nazis, mas tenho muitas ideias sobre eles. Quanto menos conhecermos mais a narrativa é cristalizada.

O ACM entende que a diversidade social é uma mais valia e um bom modelo societal. Premissa clara: viver numa sociedade diversificada, ou turma, ou posto de trabalho ou ciclos de amigos multicultural, normalmente é um dado adquirido. A forma como nós lidamos com essa diversidade cultural é uma opção deliberada societal, coletiva, mas também individual. Portanto, a diversidade cultural pode existir nos meios em que nos movemos, mas como o encaramos é uma opção. Grosso modo há 2 grandes modelos, a exclusão, achar que diversidade é negativa, ou achar que diversidade é mais valia e positiva para a sociedade. Vamos ver vários modelos que o prof Carlos Rimenez utiliza para agrupar as várias formas de lidar com a diversidade.

Opções da exclusão do diferente:

Eliminação



ALTO COPRIMADO PARA AS REGRAS DE IP

A mais grave é eliminação. Genocídios, cultural, religiosa, etc. O que está subjacente é que há o “nós”, a maioria, somos o importante e há outros modos de vida que não interessam, que têm de ser eliminados. Há eliminação física (matar), mas também cultural e religiosa. Nas políticas portuguesas também temos muitos exemplos de eliminação cultural e religiosa. A comunidade judaica foi eliminada na altura da inquisição, por exemplo. Portugal e Espanha fundaram-se sobre os povos e não com estes, pelo que há muitos templos católicos que foram reconstruídos sobre mesquitas.

Depois há outros – Discriminação ou segregação:



Nós somos os importantes e os outros podem viver, mas vivem à parte. Judarias, mourarias. Apartheid, segregação racial nos EUA. Ainda hoje há sítios onde deixaram casas de banho para brancos e negros como símbolo desse período. Ainda que continue a existir um problema racial grave nos EUA, já não há uma segregação espacial como houve até aos anos 60.

A lógica da discriminação, não está constante da lei mas na prática há grupos discriminados como, por exemplo, os ciganos. Na hétero-discriminação e a auto-discriminação é preciso entender até que ponto é que os grupos minoritários, quando se sentem discriminados, não se fecham, do género: “também não quero nada convosco, vivo tranquilamente nos meus ciclos fechados”.

Partimos agora para a lógica da inclusão, começando pela Assimilação:



Assimilação



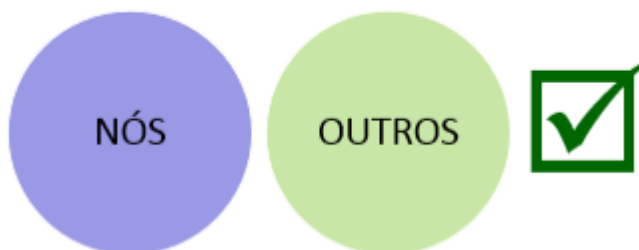
ALTO COMPRESSÃO PARA AS IMAGENS E/OU
HIGH COMPRESSION FOR IMAGES

Ainda assim há uma lógica que as sociedades devem ser diversas, mas os diferentes devem transformar-se na cultura dominante. Não há movimento de afastamento, mas há assimilação que consiste em neutralizar a diferença para ser cultura dominante. Aspeto interessante, uma estratégia de eliminação dos judeus foi a conversão ao cristianismo, os cristãos novos. Dai conceder nacionalidade portuguesa aos sefarditas, quem foi expulso de Portugal.

Quanto ao Multiculturalismo:



Multiculturalismo



ALTO COMPRESSÃO PARA AS IMAGENS E/OU
HIGH COMPRESSION FOR IMAGES

O multiculturalismo aceita plenamente a diversidade em pé de igualdade, todos temos a mesma importância. Para o multiculturalismo, todos os grupos têm a mesma importância na lei. Lógica de igualdade de oportunidades e direito à diferença de modos de vida e culturais, mas não precisamos de misturar, desde que haja tolerância pacífica. A ideia assemelha-se a um mosaico cultural, todos têm os seus espaços mas não há interesse que os espaços sejam penetrados.

Finalmente temos o Interculturalismo:



Defendemos o mesmo que o multiculturalismo, temos de ter os mesmos direitos e igualdade de oportunidades e o mesmo direito de viver modos de vida distintos. No entanto, o interculturalismo dá um passo em frente, colocando a ênfase na troca e na relação, e não tanto nas diferenças, mas o que possamos ter em comum. Há interpenetração, há igualdade de oportunidades e, aspeto importante, de nós e outros passamos para nós. Não é uma coisa idílica. Passamos a “nós” porque somos todos a mesma sociedade, de forma diversificada e de projeto comum. Há uma opção aqui suportada na ideia que a interação traz mais valias sociais e económicas à sociedade e há estudos que demonstram.

O interculturalismo põe a ênfase na:

Interação positiva – Voltando à extrema direita, podemos ter interação conflituosa, a extrema direita contra outra minoria. A ênfase é na interação positiva, ainda que exista

grupos na sociedade que naturalmente nunca interagiram. Há interações mais naturais que outras. Há grupos que não interagem naturalmente e outros que interagem na base do conflito. Aqui é uma das áreas do ACM, a mediação intercultural. São precisos mediadores para ter interação positiva, que é essencial para o interculturalismo;

Conhecimento mutuo – É o que Shimamanda Adichie diz, quanto mais nos conhecemos mandamos a baixo as características genéricas;

Respeito pelas identidades – Aspeto muito importante é que a narrativa intercultural que surge politicamente correta é que as culturas têm respeito pelas identidades dos outros e respeito pela nossa identidade, tenho de saber o que sou e como pertenço. Se todos o fizermos, estamos no plano do interculturalismo, não há uma auto-anulação da minha parte para viver o interculturalismo, pois se anulo a minha identidade estou no campo do assimilismo. Se o multiculturalismo já existe muito, o interculturalismo é um objetivo no qual estamos a caminho. Mas se for o nosso objetivo e meta podemos lá chegar. Quando estamos num plano de interculturalismo, a diferença torna-se uma rotina e não um medo.

Esta é a nossa posição, mutati mutandis, o diálogo inter-religioso segue a mesma linha. Surge como uma dimensão do diálogo intercultural, a cultura pode ser vista de várias abordagens e formas, com os mesmos pressupostos, diversidade e interdependência como condição de existência de uma sociedade democrática de sustentabilidade. Também os desafios são os mesmos:

Acolher todas as pessoas na riqueza da sua diversidade.

Promover a integração valorizando a diferença.

Garantir igualdade

Continuo processo de aprendizagem

O Diálogo inter-religioso não é um debate entre representantes religiosos para encontrar uma religião sintética que una as diferentes religiões. Carlos Jimenez diz que isto é um mito pois o que acaba por acontecer é uma assimilação das culturas. Com as religiões, em cada ponto do globo, há religiões dominantes e dominadas.

O Diálogo inter-religioso também não serve para aprofundar o debate teológico sobre doutrina nem para converter ou doutrinar o outro. Por vezes é difícil saber o ponto de passar a falar entusiasticamente da fé para o proselitismo, de tentativas quase de impor. Nada disto é diálogo inter-religioso.

Diálogo inter-religioso consiste em:

Melhorar relações, pessoais, sanar ou evitar conflitos;

Estabelecer laços interpessoais e conhecimento recíproco entre os intervenientes;

Uma dimensão do diálogo intercultural;

Um veículo para a coesão e a estabilidade sociais (UNESCO)”.

No terceiro dia, com o objetivo de “identificar o contributo de todos e todas para a construção de uma sociedade melhor”, foi lançado o desafio ao grupo de fazer uma declaração, escrever uma carta comum.

O encontro teve o objetivo claro juntar jovens, de proveniências e vivências distintas com muito em comum, numa lógica de conhecerem-se melhor e serem construtores de um projeto societal comum na medida em que alguns dos princípios deste projeto societal comum é partilhado por todos: princípios éticos, lógica de trabalhar contra a injustiça, e ir contra a corrente da injustiça e da desigualdade dos nossos co-cidadãos. Nesta linha de haver alguns princípios comuns para além da vivência individual e coletiva, foi importante fazer sair do encontro um produto comum, algo que fica escrito, deixar algum fruto do trabalho coletivo e que esse fruto, a carta comum, seja uma mensagem simples em que os membros do grupo se refletissem e que possa ser mostrado para fora, tornando visível publicamente como uma mensagem do encontro.

Neste sentido elaborou-se a carta comum. Um texto simples, com uma mensagem clara, que reflete o que foi a discutido e trabalhado, como um statement publico do foi vivenciado, que é possível viver a paz, harmonia e ter um diálogo inter-religioso saudável.

O grupo escolheu escrever esta carta para toda a gente interessada mas, em especial, para os jovens, visto que estariam na mesma faixa etária que os intervenientes deste encontro. Num primeiro brainstorming foram delineados os seguintes tópicos e ideias fortes que desejavam que fosse transmitido:

Este grupo é a prova que é possível haver o diálogo;

É preciso trabalhar para construir uma sociedade mais justa e equitativa;

Ideia de união, cooperação e colaboração na diversidade;

O propósito comum;

O compromisso;

E que a mensagem fosse direta ao ponto.

Quanto à estrutura, esta foi dividida em quatro pontos chave:

Quem somos – nós;

Porque nos juntamos (visão comum e missão), que princípios acreditamos como grupo;

O que nos preocupa;

Compromisso simbólico da nossa visão comum

O dia terminou com a leitura da carta comum perante os diferentes líderes das várias comunidades religiosas presentes na atividade.

O quarto dia da atividade serviu para o grupo reunir-se e comprometer-se a por em prática o que foi falado durante a conferência. Para isso foram feitos vários compromissos pelo grupo, como (i) apresentarem a carta comum no “Congresso, cidadania e religião”, nos dias 21 e 22 de setembro em Lisboa, (ii) manterem uma continuidade deste grupo de trabalho e (iii) organizar iniciativas de serviço comunitário em conjunto, (iv) transportar o espírito da iniciativa para dentro das suas diferentes comunidades religiosas e, possivelmente, (v) dar continuidade aos MEETIR em anos futuros.

Terminamos este ponto do artigo com a reprodução da carta comum:

Carta Comum

Diálogo inter-religioso diz-te alguma coisa? O que é para ti a interculturalidade?

Nós, jovens como tu, juntámo-nos com um sentimento de extrema urgência! Desejamos, para além conhecer os pontos comuns entre nós, enaltecer o respeito e valorização das diferenças existentes.

Com as nossas mentes e corações unidos, identificámos certas carências na nossa sociedade e desejamos partilhar a nossa visão, pois este é um trilho a percorrer convosco!

Pensem juntos, já alguma vez sentiste que a tua opinião não foi valorizada? Que as tuas crenças não foram respeitadas? Já sentiste o peso da injustiça em ti ou nos outros?

Ponderámos, avaliámos e constatámos muitos outros problemas que nos impedem de viver num mundo justo e equitativo:

- A indiferença que nos impede de agir perante o sofrimento e as

desigualdades;

- A incapacidade de nos colocarmos no lugar do outro, fruto da falta de compaixão;
- A desinformação geradora de preconceitos e discriminação;
- A falta de acesso a direitos básicos limita as perspetivas e oportunidades de futuro;
- A pobreza da dimensão ética numa sociedade focada apenas na produtividade, sucesso e números.

Com diferentes culturas e religiões, cada um de nós viveu o possível e saudável diálogo, cooperação e entreajuda. Alcançámos, apesar das nossas diversidades, a união.

Nós, jovens, temos, podemos e queremos fazer algo a fim de melhorar o mundo, o nosso mundo.

Comprometemo-nos a ser agentes de mudança nesta sociedade. Arregacemos as mangas e criemos novas iniciativas! Vamos desconstruir os estereótipos e dizer não aos preconceitos! Trabalhem para promover o diálogo inter-religioso e a interculturalidade! Não toleremos somente quem está ao nosso redor, mas abracemos as diferenças!

O desafio é este:

Rumemos a um futuro de encontro e lembrem-se que o futuro é hoje.

IV – Conclusão

A existência de um diálogo inter-religioso é de extrema importância nas sociedades contemporâneas. Esta pode ser uma solução eficaz para alguns problemas de desigualdade, discriminação e, até, terrorismo.

Em Portugal, através do Alto Comissariado das Migrações e de outras organizações e iniciativas, vive-se um clima de paz e de diálogo inter-religioso. É o dever de cada cidadão manter e lutar para que essa harmonia social continue.

Gostava de expressar o meu profundo respeito pelo trabalho deste instituto público, assim como agradecer a orientação dos monitores desta atividade: Jorge Cardoso, Cristina Milagre, Cristina Gomes e Neila Karimo.

Concluimos este artigo da mesma forma como se concluiu a carta comum: Comprometemo-nos a ser agentes de mudança nesta sociedade. Arregacemos as mangas

e criemos novas iniciativas! Vamos desconstruir os estereótipos e dizer não aos preconceitos! Trabalhem para promover o diálogo inter-religioso e a interculturalidade! Não toleremos somente quem está ao nosso redor, mas abracemos as diferenças!

O desafio é este:

Rumemos a um futuro de encontro e lembrem-se que o futuro é hoje.

Programa da atividade:



MEET IR 2016

Proposta de Programa

Dia 19 julho de 2016

CHEGAR

(ao local que nos acolhe com as pessoas com quem vamos partilhar estes dias)

10:00	Partida de Lisboa, local de concentração junto à Igreja dos Anjos <i>(durante a viagem fazer um 1º levantamento de expectativas)</i>
13:30	Chegada ao Hostel Casa das Minas
13:45 - 15:00	Almoço <i>(no final, instalação nas acomodações)</i>
15:00 - 17:30	Boas vindas: Câmara Municipal e ACM (objetivos, programa, metodologia e indicações logísticas MEET IR 2016) Dinâmica quebra-gelo: Apresentações (participantes e dinamizadores/as)
17:30 – 18:00	Lanche <i>(distribuído em sacos)</i> e saída
18:00 - 19:45	Passeio pela cidade do Fundão
20:00 - 22:00	Jantar-tertúlia no Hostel com dinamizadores comunitários e jovens participantes no Programa Escolhas local – partilha sobre o seu contexto, problemas, expectativas e desafios

Dia 20 julho de 2016

RECONHECER

(o que temos em comum e o que gostaríamos de transformar)

08:00 - 09:00	Pequeno-almoço
09:15 - 11:00	Atividade sobre “o que temos em comum” <i>(se possível, aproveitando o espaço exterior do hostel; iniciar com 10 minutos para o Diário de Aprendizagens relativo ao dia anterior)</i>
11:00 - 11:30	Pausa para lanche
11:30 - 13:00	Reflexão a partir das partilhas e resultados da atividade anterior; apresentação e debate “Do diálogo intercultural ao diálogo inter-religioso” (ACM)
13:00 - 15:00	Almoço
15:00 - 17:00	Atividade sobre “o que gostaríamos de transformar” <i>(dinâmica Educação para a Cidadania Global)</i>
17:00 - 17:30	Lanche <i>(distribuído em sacos)</i> e saída
17:30 - 19:00	Visita às Minas da Panasqueira <i>(possível ligação com o tema da atividade da tarde – condições de trabalho, extração de recursos, sustentabilidade, etc.; finalizar com 10 minutos para o Diário de Aprendizagens)</i>
19:45 – 21:00	Jantar
21:00 – 22:30	Noite dos Talentos – atuações artísticas dos participantes <i>(cada grupo de 2/3 jovens de cada comunidade prepara previamente ao encontro)</i>

Dia 21 julho de 2016

COLABORAR

(com a vontade de construir de uma sociedade melhor)

08:00 - 09:00	Pequeno-almoço
09:30 - 10:00	Realização de ação comum em benefício da comunidade local no forno comunitário do Fundão <i>(confeção do Pão para a mercearia comunitária e confeção de pizzas para o almoço.)</i> Enquanto ferve o forno... Introdução à construção da Carta comum
13:00 - 15:00	Almoço
15:00 - 17:00	Elaboração da Carta comum
17:00 - 17:30	Lanche
17:30 - 18:30	Elaboração da Carta e preparação da sua apresentação
19:00 - 21:00	Jantar com convidados locais e das comunidades religiosas e apresentação da Carta
21:00 - 23:00	Momento Cultural: cantares e danças da região <i>(Programa Escolhas e Câmara Municipal do Fundão)</i>

Dia 22 julho de 2016

CONTINUAR

(para além do Encontro)

08:00 – 09:00	Pequeno-almoço
09:30 – 11:00	Avaliação do encontro e perspectivas de continuidade <i>(iniciar com 10 minutos para o Diário de Aprendizagens relativo ao dia anterior + 5 minutos para recordar todo o Diário de Aprendizagens)</i>
11:00 – 12:00	Encerramento dos trabalhos
12:00 – 14:00	Almoço
14:00	Regresso a Lisboa

Propostas Transversais:

- **Diário de Aprendizagens:** pequeno caderno pessoal onde cada participante pode ir registando as suas aprendizagens decorrentes do encontro; para facilitar a sua apropriação por parte dos participantes, existirão momentos específicos onde lhes pediremos que o façam partindo de 3 questões: O que aprendi? O que me surpreendeu? O que gostaria de aprofundar / conhecer melhor? (mas cada participante é livre de registar o que entender no seu diário quando quiser).

- **Mural do Encontro:** espaço de expressão livre dos participantes; folha de papel de cenário disponível ao longo de todo o encontro, sendo convidados os participantes para irem registando (nas pausas e tempos livres), de forma simbólica, os sentimentos e emoções por que vão passando ao longo do encontro, procurando, sempre que possível, fazer ligações com outros registos que já lá estejam (respondendo, reforçando, etc.)